

A “cidade-*voyeur*”: o Rio de Janeiro visto pelos paulistas...^{*}

Monica Pimenta Velloso^{**}

*O Rio de Janeiro é a cidade contemplativa,
cercada de montanhas, olhando o mar.*

Cassiano Ricardo

Resumo - A disputa pela hegemonia entre o Rio de Janeiro e São Paulo ganha novos contornos no debate intelectual ao longo da década de 1920, quando São Paulo consegue impor sua ascendência econômica ao restante do país. Este trabalho mostra como o grupo “verde-amarelo” – egresso do modernismo – constrói uma ideologia destinada a eleger São Paulo como a matriz da nacionalidade brasileira. Ao fazê-lo, procura desqualificar e deslegitimar o Rio de Janeiro como centro político da nação. O debate é situado no interior do movimento modernista, contrastando-se a visão dos “verde-amarelos” com a de Mário de Andrade, no que se refere ao regionalismo.

Palavras-chave: Rio de Janeiro; São Paulo; modernismo; nacionalidade.

Boemia *versus* trabalho

O universo de valores que rege a vida do carioca e do paulista há muito aparece como área de conflito, capaz de desencadear competições e rivalidades. Quando se fala do carioca, é quase inevitável se deparar com o clichê do *bon-vivant*, boêmio, irreverente e cheio da ginga malandra. Já o paulista assume o estereótipo oposto: é o trabalhador, ordeiro e disciplinado. Esta visão de mundo iria ser popularizada por Noel Rosa no famoso *Feitiço da Vila*, que dizia: “São Paulo dá café, Minas

dá leite e a Vila Isabel dá samba...”. Depois do sucesso deste samba, como não associar São Paulo à terra do trabalho e o Rio à terra do prazer e da boemia?

É verdade que a malandragem, ao longo do tempo, vai-se transformando. Chico Buarque de Hollanda registra, com fina ironia, o perfil desse novo malandro “com aparato oficial, malandro candidato a malandro federal”, que é também o “malandro com contrato, com gravata e capital, que nunca se dá

^{*} Este artigo foi publicado originalmente na *Revista Rio de Janeiro* n.4, set./dez. de 1986, p.55-65.

^{**} Mestre em Filosofia pela PUC-Rio e Pesquisadora do CPDOC-FGV.

mal”. A malandragem deixa, portanto, de ser categoria pertencente ao universo da marginalidade para integrar-se às órbitas do poder.

Uma coisa, porém, é certa: o estereótipo da malandragem é forte, tendo raízes sociais profundas no universo do carioca. A figura do Presidente Getúlio Vargas, por exemplo, incorporou com perfeição esse “travestimento” de valores. Para Vargas, a malandragem era um artifício, uma espécie de arte para resolver as difíceis jogadas políticas, que requeriam astúcia e certo “jogo de cintura”. Por isso, ele jamais censurou as sátiras que os teatros de revista faziam a seu respeito, ao apresentá-lo como o “grande malandro” (Lago, 1976). Ao contrário: as incentivava porque sabia que esta era uma maneira garantida de popularizar a sua imagem.

Em 1941, Walt Disney, assessorado pelo jornalista Gilberto Souto e por Aloísio de Oliveira, do Bando da Lua, construiria a figura do Zé Carioca. Malandro, chapéu embicado, guarda-chuva, charuto e humor, com tendência a resolver tudo na piada, este personagem viria popularizar definitivamente o clichê criado em tomo do carioca (Moraes, *apud* Velloso, 1983). Por sua vez, o estereótipo do paulista encontraria a consagração na caricatura do Juca Pato, criado pelo jornalista Belmonte (Lima, 1963). Tipo aborrecido, desconfiado, em constante atitude de protesto, o Juca Pato se move na direção oposta à do prazer e da descontração. É a personificação da serieda-

de e da sobriedade – usa sempre terno escuro e óculos -, em contraposição ao humor espalhafatoso do colorido Zé Carioca.

Como vemos, essa ideologia que contrapõe São Paulo ao Rio de Janeiro está amplamente disseminada no imaginário popular. Faz-se presente nas letras de música, nos personagens de histórias em quadrinhos, nas caricaturas (Juca Pato aparece até nos sabonetes e pacotes de café), chegando mesmo a ser incorporada como dimensão legitimadora do poder.

Uma disputa muito antiga...

Não se sabe quando nem de onde surgiram essas idéias que polarizam Rio de Janeiro e São Paulo. O certo é que a base desse antagonismo reside na disputa de influência em torno da hegemonia nacional. São Paulo sempre se achou excluído do poder decisório, sem se conformar com o fato de o Rio de Janeiro ser o centro das decisões.

Euclides da Cunha e Lima Barreto já polemizavam sobre esse assunto. Defendendo a hegemonia paulista, Euclides argumentava que na região residiria a “sede da civilização mameluca dos bandeirantes”. E é por isso que São Paulo deveria ser o foco da história do Brasil... Argumentação com a qual não concorda Lima Barreto. É no Rio, ele pondera, que está o modelo da sociedade mestiça que seria a única capaz de garantir o padrão da homogeneidade ética do País. O nosso autor não resume a sua crítica à questão étnica,



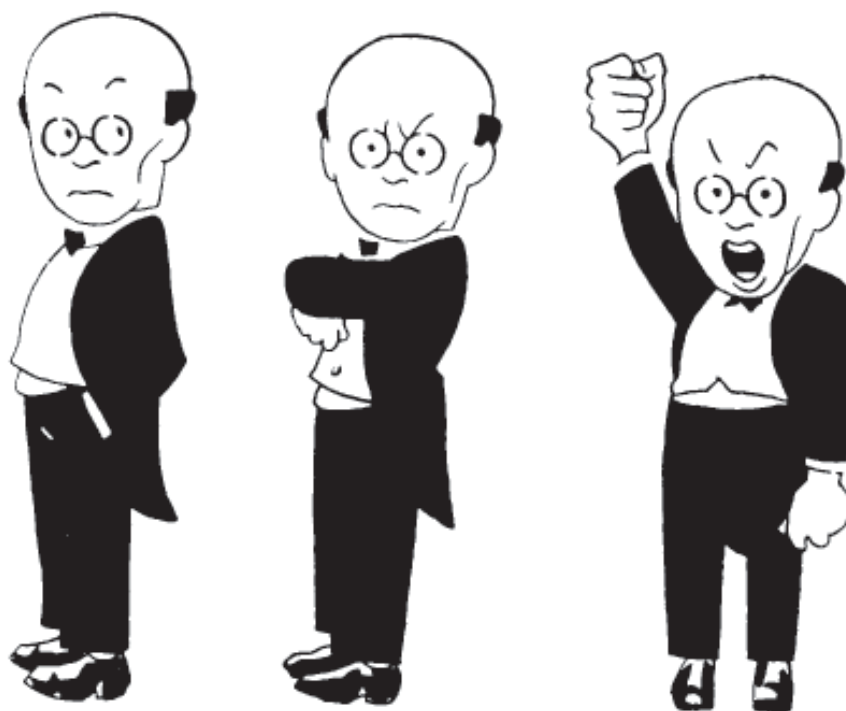
mas fala também da política. Para Lima Barreto, São Paulo representaria a opressão do Brasil na qualidade de "capital do espírito burguês" (Sevcenko, 1983).

A revista *Brasileia*, fundada em 1917, pertencente ao grupo nacionalista católico, também reforça esta oposição Rio de Janeiro x São Paulo. Defendendo o "brasileirismo puro e integral", a publicação desqualifica o Rio, identificando-o como centro essencialmente cosmopolita e corrupto, voltado para fins puramente materiais (Oliveira, 1986).

Se recuarmos ainda mais no tempo, talvez encontremos o que seria o primeiro discurso

legitimador da hegemonia paulista: o do bandeirante Amador Bueno. Em 1640, Bueno diz que São Paulo deveria ter, para o Brasil, o mesmo papel que Paris tinha para a França. São Paulo é definido como o "cérebro que pensa e o braço que executa" (Love, 1982). Em suma, o território paulista é apresentado como o verdadeiro centro da nação.

Como se vê, a polêmica se perde no tempo! Mas é ao longo da década de 1920 que vamos encontrar a sistematização desta ideologia política, que já transitava livremente pelos debates intelectuais, pela boca do povo, pelas academias e rodas de samba.



Juca Pato em três de suas atitudes clássicas. Desconfiado do rumo que as coisas tomam... Visivelmente aborrecido, e finalmente protestando.

Revista da Semana (3-3-1945).

A tradição regionalista dos “verde-amarelos”

Por meio do grupo “verde-amarelo”, que constitui a vertente conservadora do movimento modernista - composta por Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Menotti del Picchia -, que vemos tomar forma essa ideologia. Vamos ver, então, como é que este grupo constrói seus argumentos destinados a eleger São Paulo como a matriz da nação, desqualificando o Rio de Janeiro para exercer tal papel.

Para entendermos o pensamento deste grupo, temos, forçosamente, de situá-lo dentro do debate modernista, cuja preocupação maior era a de explicar a singularidade brasileira. Afinal de contas, onde estaria a nossa diferença (e, por que não dizer, o nosso “atraso”) frente aos demais países europeus? Seria uma fatalidade histórica? Erro da colonização? Ou da grande extensão territorial? Nesta discussão, há um ponto de consenso: a nossa espantosa diversidade cultural! Seria ela fator de atraso ou de progresso? Contribuiria para a desunião nacional ou, ao contrário, seria motivo de orgulho de nossa união? Estas são algumas das indagações levantadas por nossos intelectuais modernistas, preocupados em redefinir o regionalismo dentro do novo contexto pós-guerra.

Destoando do conjunto do ideário modernista, o grupo “verde-amarelo” vai insistir no reforço das nossas tradições regionalistas. Para esses intelectuais, o que está em primeiro plano é o culto de nossas tradições, que

estariam sendo ameaçadas pelas influências estrangeiras. Nesse contexto é que se dá, então, a valorização do regionalismo, visto como capaz de “delimitar fronteiras, ambiente e língua local” (Del Picchia, 1926a). É este senso extremado do localismo que marca a doutrina dos “verde-amarelos”, diferenciando-a do conjunto do ideário modernista. Este não se define como sendo anti-regionalista, na medida em que é notória a importância que confere ao folclore e aos costumes das diversas regiões culturais brasileiras. Basta lembrarmos do *Cobra Norato* de Raul Bopp, do *Macunaíma* de Mário de Andrade e das carnavas de intelectuais modernistas que, deslumbrados, descobriam o interior do país. Não há, portanto, como ignorar a importância que os nossos modernistas atribuíram à pesquisa da cultura regional. Ocorre que o movimento introduz uma nova concepção do *regional*, acrescentando novos elementos que viriam mediatizar a relação regional-nacional. Em que consiste esta visão? No reconhecimento da diferença cultural, mas na sua pronta integração no contexto da cultura nacional. Se são reconhecidas as diferenças entre as várias regiões culturais brasileiras, essas diferenças são conceituadas como partes de uma *totalidade* corporificada pela nação.

Assim, predomina o interesse pelo conjunto cultural do Brasil: a pesquisa do regional só interessa enquanto via de acesso ao nacional. Pela “teoria da desgeografização”, Mário de Andrade vai defender com precisão esta idéia. Insistindo na perspectiva da unida-



de cultural, Mário busca extrair das diferenças regionais uma “unidade subjacente relativa à sua identidade” (Jardim, 1983). Com esta teoria, ele vai propor uma nova maneira de se pensar o Brasil. Maneira esta que se choca com a tradição regionalista, que tendia a interpretar a realidade a partir da geografia e do meio ambiente. Mário de Andrade rompe com esta perspectiva, quando introduz na sua reflexão a questão temporal e histórica. O que diferencia o Brasil no quadro internacional não é a sua configuração geográfica, mas sim a sua história, que adquire um ritmo próprio, capaz de singularizar o país. A nacionalidade passa a ser vista como um conjunto coeso, cujas partes devem ser valorizadas quando garantem a riqueza desse conjunto. Se esta percepção do nacionalismo é uma das idéias-guia do movimento, não podemos dizer que ela fosse ponto pacífico. A tradição regionalista – de cunho localista e geográfico – ainda era muito forte entre os nossos intelectuais. Exemplo típico dessa mentalidade está no comentário que Sérgio Milliet endereça ao livro de Guilherme de Almeida intitulado *Raça*. Elogiando a obra pelo seu alto sentido nacionalista, Milliet observa: “Guilherme é profundamente brasileiro. Digo mais: Paulista”¹. Mário de Andrade não deixaria passar despercebido tal comentário, censurando Milliet pelo ufanismo atribuído à palavra “paulista”. Argumenta ser necessário abandonar esta visão que tem feito do Brasil um “vasto hospital amarelão de regionalismo” e “bairrismo histérico”¹.

Esta polêmica dimensiona o peso da tradição regionalista entre os nossos intelectuais. Presos à tradição regionalista, eles tendiam a identificar a região de origem como o núcleo da nacionalidade. No interior do movimento modernista, esta questão estará sempre presente entre os “verde-amarelos”, que defendem São Paulo como a matriz da nacionalidade brasileira. Enquanto Mário de Andrade defende a história como referencial explicativo da nossa singularidade, os “verde-amarelos” atribuem à *geografia* este papel. São, portanto, duas maneiras radicalmente distintas de se pensar o Brasil: a primeira, baseada na categoria *temporal-histórica*; a segunda, calcada no *espacial-geográfico*.

Este contraponto entre as idéias de Mário de Andrade e as do grupo “verde-amarelo” é importante na medida em que dimensiona as grandes linhas do debate intelectual da época. A ideologia dos “verde-amarelos”, voltada para a legitimação da hegemonia paulista, aparece, então, como a vertente conservadora do movimento, quando reincide na valoração do regionalismo, dentro dos moldes tradicionais. Ao eleger o critério espacial como o definidor da nacionalidade brasileira, os “verde-amarelos” retomam a vertente ufanista de Afonso Celso, que identifica nacionalismo com território. A grandeza territorial aparece como fator da superioridade brasileira... Ao afirmar que o Brasil, diferentemente dos outros países, é “feito de espaço” (Salgado, 1927a), o grupo associa esta categoria à idéia de

potencialidade, riqueza e futuro. Fugindo da análise histórica, é possível, então, garantir o mito da originalidade brasileira.

Só a geografia nos redime...

Chegamos ao ponto nevrálgico da questão: *brasilidade-espaço-território-geografia*. É com base nesta vertente de análise que se desenvolve toda a ideologia do grupo, destinada a garantir a hegemonia paulista em detrimento do Rio de Janeiro. Mas vamos por partes. Primeiro, temos a idéia de São Paulo como o berço da nação, justamente pela sua configuração geográfica. O argumento é mais ou menos o seguinte: em São Paulo, diferentemente das demais regiões, a rede hidrográfica corre em direção ao interior. Para o grupo, este fato assume importância inédita, capaz de modificar o curso da história. Ocorre que os paulistas, acompanhando o curso dos rios, chegaram aos sertões. Deu-se, então, a epopéia bandeirante!

A idéia é a de que a *geografia* é que faz a história, alterando o seu curso, provocando verdadeiras revoluções, enfim, determinando os destinos da nacionalidade. Baseados na famosa teoria dos dois Brasis – o primeiro *legal* (litoral), o segundo *real* (interior) – os “verde-amarelos” identificam o interior com a brasilidade e autenticidade, em contraposição ao litoral, associado à idéia de cosmopolitismo e falsidade. Na *Canção geográfica*, de Cassiano Ricardo (1962), fica ní-

tido o contraste que se pretende estabelecer entre o homem do litoral e o do sertão. Diz o Bandeirante:

*O que procuro é terra firme
pois nasci junto da serra
de costas voltadas pro mar.*

(...)

*Prefiro os pássaros da terra
que são verdes
aos negros pássaros do mar
de asas longas, angulosas
e nascidos só para voar.*

*A estar chorando de saudade
portuguesa*

*prefiro varar o sertão
que é o meu destino singular.*

(...)

*Minha esposa é a terra firme...
As sereias estão no mar...*

Enquanto o habitante do litoral “nasceu só pra voar” – alusão ao devaneio do carioca –, o habitante do interior “prefere os pássaros da terra, que são verdes” – alusão à caça das esmeraldas, ou seja, ao caráter empreendedor do paulista. As metáforas da sereia e da esposa reforçam sentimentos opostos: o da ilusão e o do realismo. O primeiro, atribuído ao carioca, que se deixa levar pelas fantasias; o segundo, ao paulista, que desconfia dos sortilégios e encantos vindos de fora. Com esse discurso poético, Cassiano Ricardo pretende mostrar que São Paulo optou pelo caminho certo (esposa), ao contrário do Rio,





que foi vítima do fascínio europeu (sereia). De onde se conclui que São Paulo deve assumir o papel de guardião das tradições nacionais...

É a partir do critério *espacial-geográfico* que se constrói uma tipologia do caráter nacional brasileiro. Esta tipologia tem fundamentado muitas reflexões sobre a realidade nacional, constituindo-se em sólida vertente do nosso pensamento político. Segundo esta percepção, opera-se quase que uma simbiose entre homem e meio ambiente. O homem absorve de tal forma as características do meio, que acaba confundindo-se com ele.

Neste contexto, vejamos como ficam configurados, respectivamente, o perfil do carioca e o do paulista. O traço característico, atribuído ao carioca, é o seu “instinto de navegação”, que o faria debruçar-se saudoso ao cais, sempre em busca de novos horizontes. Devido a essa busca constante, ele tenderia a ser um “espírito universalista”, sempre aberto a novas idéias e modas. Facilmente atraído pela aventura e pelas novidades, o carioca se caracteriza pelo desinteresse econômico. O lirismo e o sentimentalismo poético o mobilizariam mais do que o interesse pelas coisas concretas. O oposto desse perfil é, naturalmente, encarnado pelo paulista. Homem pragmático, desconfia das novidades estrangeiras. É mais guardião, conservador e ordeiro. Por isso, ele representa o “espírito mais intenso da brasilidade”³.

É com base nesse paradigma, calcado na geografia, que os “verde-amarelos” vão de-

fender o seu “direito natural” a comandar os destinos da Pátria. O raciocínio desdobra-se da seguinte forma: se o paulista, por força das injunções geográficas, fez-se *herói nacional* – entenda-se *bandeirante* – ocorreu o inverso com o carioca, que ficou a ver sereias... Logo, os acidentes geográficos determinam os perfis humanos: em São Paulo, o rio Tietê chamou os homens à ação, levando-os a se internarem no sertão. No Rio de Janeiro, o mar impactou de tal forma o homem, que o tornou imóvel e contemplativo. Entre as opções dos pares *nacional-ação* e *universal-contemplação*, não é preciso dizer quem será eleito para o comando...

O “mito das bandeiras” é o núcleo ideológico em torno do qual se desenvolve toda a doutrina do grupo⁴. É através deste mito que os “verde-amarelos” pretendem legitimar historicamente a superioridade do paulista em relação ao carioca.

Só um parêntese: as primeiras expedições bandeirantes datam do século XVI.. O que permite aos “verde-amarelos” fazer afirmações do tipo: foram os bandeirantes que fizeram o Brasil, delineando o nosso gigantesco mapa.

Mas vamos ver como se dá a construção dessa ideologia. Começemos pela interpretação que o grupo apresenta em relação ao movimento modernista. Para os “verde-amarelos”, a renovação estética teria necessariamente de acontecer em São Paulo, porque a região sempre se apresentou como a guardiã da nacionalidade. Considerando o modernis-



mo como um movimento de reação à cultura importada, o grupo vai interpretá-lo como uma reedição da epopéia bandeirante. Como os seus ancestrais, os paulistas modernos também se acham investidos de uma missão: levar os seus ideais vanguardistas ao resto do país, garantindo a nacionalização das fronteiras.

Quando Mário de Andrade e Oswald viajam para o Rio de Janeiro, a fim de discutir os rumos do movimento, o grupo vai interpretar o fato como mais uma façanha bandeirante. O comentário é significativo: mais uma vez, a província se adianta à metrópole...⁵

Na argumentação do grupo, está sempre presente essa idéia: a do adiantamento dos paulistas em relação ao resto do país. Os de-

mais estados são vistos como “irmãos pobres e retardados”. Daí a imagem bastante divulgada, de São Paulo como a locomotiva a puxar vagões vazios...

Desde há muito, os intelectuais paulistas vinham insistindo na questão da hegemonia do seu estado, destacando-o como o centro dinâmico da nação. Este é o espírito que preside a criação do Centro Paulista, fundado em 1907, no Rio de Janeiro. Contando com o respaldo do governo estadual, o Centro promove uma série de eventos como conferências, solenidades cívicas, reuniões, exposições sobre a indústria paulista etc.. O objetivo da entidade é o de criar na capital um “centro de convergência paulista” (Vilalva, 1937).

(NO RIO)



— Ah ! Sempre irrecusante ? Que tal, a casa ?
— Soffível. E' no terceiro coxete á direita do cano grosso das aguas pluvias... O consolo é que tem vista para o mar...



É também por meio da noção desse “mito da bandeira” que os “verde-amarelos” vão defender o caráter ruralista de nossa civilização. Destoando do restante da intelectualidade latino-americana, o grupo não endossa a tradicional concepção grega que opõe a *pólis* civilizada à barbárie dos não-urbanizados. Herdeiros diretos do pensamento de Euclides da Cunha, os “verde-amarelos” discordam das premissas civilizadoras da cidade em relação ao campo (Rama, 1985). Para eles, a grande revolução do pensamento nacional sairá do sertão, provocando a “invasão das cidades” pelas forças bárbaras e selvagens, identificadas estas como o verdadeiro espírito nacional. Partindo dessas idéias, o grupo argumenta que as expedições bandeirantes levaram o paulista a desvendar a nossa verdadeira face, que é a *rural*. O espírito citadino é prontamente identificado com a idéia de cosmopolitismo e de ameaça aos valores da cultura nacional.

É interessante vermos como se constrói essa argumentação: para os “verde-amarelos”, a cidade está associada ao *tempo* e à *história*, ao passo que campo corporifica o *espaço* e a *geografia*. Logo, na cidade, as transformações ocorrem numa velocidade muito maior, enquanto o campo tende às modificações mais lentas, procedendo-se estas de acordo com o ritmo e alma nacionais (Salgado, 1927).

Podemos concluir, então, que o par *cidade-tempo* representa o Brasil falso, enquanto que o *campo-espaço* corporifica o nosso lado

autêntico. Não é preciso muito para concluir que o primeiro representa o Rio de Janeiro; o segundo, São Paulo. Todas as vezes que os “verde-amarelos” se referem ao Rio de Janeiro, está implícita a imagem da cidade. Esta não tem nada a ver com a *pólis* grega, devido ao seu caráter anárquico e antinacional. São Paulo, sim, além de ser Atenas, é também Esparta. Era natural que o grupo identificasse o Rio de Janeiro à cidade, na medida em que o alvo do discurso era a capital federal. Já São Paulo aparece quase sempre identificada com o interior, que é sempre idealizado.

Quando se mencionava a cidade paulista, esta não tinha nada a ver com a cidade do Rio de Janeiro... A cidade paulista é trabalho: “chaminés de fábrica, músculos dos operários, vertigem dos arranha-céus...”. E é trabalho porque se originou do interior, da agricultura cafeeira. A comparação com o Rio de Janeiro é inevitável: “sem ter a cenografia panorâmica da Guanabara, São Paulo prima pela beleza arquitetural dos seus prédios”. O Rio de Janeiro é definido como a “cidade contemplativa, cercada de montanhas, olhando o mar” (Hélios, 1927a). Por isso, é a cidade do carnaval, da vaia e da academia. O carnaval e a vaia caracterizariam o espírito anárquico e da falsa democracia, ao mesmo tempo em que a academia representaria o arcaísmo literário (Ricardo, 1927). É interessante nos determos um pouco nesta idéia, ou seja, a do anacronismo atribuído ao carioca. Na doutrina “verde-amarela”, o Rio de Janeiro acaba



corporificando o passado e São Paulo assume o perfil da modernidade.

Os dândis cariocas e os heróis bandeirantes

A revista *Klaxon*, porta-voz da geração de 22, define a arte de Pérola White como o paradigma da modernidade. Ao fazê-lo, elege os valores do mundo moderno e destitui os do passado, encarnados pela figura de Sarah Bernhardt. Vejamos a contraposição desses dois perfis: “Pérola White é preferível a Sarah Bernhardt. Sarah é Tragédia, Romantismo Sentimental e Técnica. Pérola é Raciocínio, Instrução, Esporte, Rapidez, Alegria, Vida. Sarah Bernhardt = séc. XIX. Pérola White = séc. XX.”⁶

Na ideologia dos “verde-amarelos”, o Rio de Janeiro pode ser personificado na figura de Sarah Bernhardt, enquanto que São Paulo assumiria as feições de Pérola White. Vejamos quais os valores descartados como ultrapassados e quais os que são consagrados enquanto representativos da modernidade. O que aparece de imediato é a crítica ao romantismo que, associado à “mentalidade contemplativa”, é visto como coisa do passado. E é o carioca que assume essa personalidade lírica, incompatível com o trabalho. O culto à natureza – tão caro aos ideais românticos – é visto como verdadeiro obstáculo à industrialização. Assim, as cachoeiras e campos não devem mais ser motivo de inspiração poética, mas sim servir às nossas usinas e lavoura. Em suma: ação,

ao invés de contemplação; trabalho, ao invés de lirismos. Por continuar amante das belezas naturais, o carioca não consegue libertar-se do romantismo. E, por isso, é um escravo das paixões, um “trágico” que ainda é capaz de morrer de amor, quando este sentimento já passou para o domínio de uma simples operação financeira⁷. O Rio de Janeiro, cheio de ares românticos, se transforma, então, na glamourosa e decadente Sarah, e São Paulo personifica a rapidez, alegria e juventude de Pérola White.

Se o grupo defende alguns elementos da cultura urbana associada à ordem industrial, continua, no entanto, tendo como referencial ideológico o ruralismo. Esta questão aparece claramente na crítica que os “verde-amarelos” fazem à caricatura do Juca Pato, enquanto símbolo da nacionalidade. É o perfil urbano do personagem que incomoda. Como pode um dândi, almofadinha, tipo americanizado e cidadão, representar a nossa imagem? Nós não somos isso, argumentam os “verde-amarelos”. Somos o caboclo, misto de ingênuo e esperto, bonachão e filósofo (Del Picchia, 1926). Assim, os nossos heróis não estão nas cidades, mas sim no interior, moldando a imagem viva do território. Clara alusão aos bandeirantes! O modelo do herói está no mundo rural: o Jeca Tatu e o mané xique-xique (Ricardo, 1927a).

O carioca não faz parte deste universo! Ele é o dândi que frequenta as rodas da Confeitaria Colombo, do Café Nice, e perde o seu tempo na Livraria Garnier, absorvendo idéias es-



trangeiras. O perfil do dândi é duplamente desqualificado. Em primeiro lugar, porque pertence ao passado – ou seja, é uma espécie que “morreu com o romantismo”. Este “vagabundo delirante” não pode sobreviver na era industrial, já que seus valores são de um mundo que não existe mais. Em segundo lugar, o dândi é visto como moda importada do “ócio inglês”. Além de dândi, o carioca seria também o malandro e boêmio, afeito a serestas e romantismos fora de moda. Herdeiro da tradição bandeirante, São Paulo mostra-se intolerante com a boemia e vagabundagem⁸. Os assuntos econômicos sempre acabam por lhe despertar maior interesse do que a literatura, coisa de carioca. Este perfil do paulista vai ser criticado pelo carioca.

É interessante observar que, de modo geral, o carioca, ao longo desse debate, permanece como interlocutor que se limita a dar respostas. Explicando melhor: os cariocas não constroem uma linha de argumentação que se contraponha à doutrina dos “verde-amarelos”. Eles se limitam a responder, a não concordar com a alegada superioridade paulista. Entretanto, não constroem um argumento ou contraponto, enfim, uma contra-ideologia que deslegitime o mito da bandeira. É verdade que estamos trabalhando com um jornal paulista, mas mesmo nas fontes cariocas não conhecemos uma formulação ideológica que assumisse tais dimensões.

Mas vejamos, agora, o perfil do paulista pelos olhos do carioca. Este o apresenta como

elemento ganancioso, utilitarista, negociista e despojado de qualquer espiritualidade. Ao que São Paulo responde ser um equívoco esta visão, pois, além de “forja do trabalho”, o estado também se preocupa com a cultura. É por isso, argumenta o articulista, que o paulista mora bem, diverte-se bem, come bem e pensa bem (Hélio, 1927). Nesta contra-argumentação, vai mais uma crítica ao *modus vivendi* carioca. Este mora mal (se for perto da praia, o resto não importa), diverte-se de forma errada (no carnaval, comete toda forma de abusos) e sente mais do que propriamente pensa (quando pensa, se perde em abstrações).

Já vimos que o descontrole do carioca é atribuído, em grande parte, à geografia, que o tornou imobilista e sonhador. Mas há ainda outro aspecto de sua personalidade que se explica pela ordem econômica: a inveja. Mostrando-se incapacitado para o trabalho, o carioca não perdoaria o espírito empreendedor do paulista. Torna-se, portanto, amargo e pessimista, quando pensa na depressão cambial, e inveja a sorte dos imigrantes que enriqueceram o Brasil (Filho, 1922). Tocamos aqui em outro ponto sensível: o dos imigrantes.

Quem é a “antinação”?

Na doutrina dos “verde-amarelos”, a influência dos imigrantes é sempre positivada, constituindo-se em motivo de orgulho. Aparentemente, tal fato pode parecer paradoxal: como os defensores arraigados do regionalis-



mo, inimigos número um da influência estrangeira, poderiam defender a imigração? Mais uma vez, o “mito da bandeira” é chamado a explicar.

A argumentação desdobra-se da seguinte forma: ao organizar a sua bandeira, o paulista soube integrar harmonicamente o índio e o negro, criando assim uma forte tradição democrática. O paulista moderno teria absorvido esta tradição, extraindo todos os benefícios dela decorrentes. Assim, em São Paulo, o estrangeiro não constitui ameaça à nacionalidade, porque o paulista representa a parte mais autêntica da nação. Sabe, portanto, absorver as influências e delas se beneficiar sem se deixar descaracterizar.

Esta questão gera grandes polêmicas. Inúmeros são os artigos em que os paulistas procuram justificar seu ponto de vista. Não é fácil, principalmente entre os cariocas, que acusam os paulistas de se constituírem em quistos raciais, terem idéias separatistas, enfim, de incorporarem a anti-nação. Ao que os paulistas contra-argumentam: a antinação é o Rio, que continua defendendo a anacrônica teoria da trindade racial, quando o país é a própria Torre de Babel, entendendo-se esta no sentido dinâmico de transformação. São Paulo é visto, então, como berço de uma nova raça que será o brasileiro no futuro... (Del Picchia, 1928)

A polêmica desenvolve-se em torno do seguinte eixo: quem é a verdadeira nação? São Paulo ou o Rio de Janeiro? Quem está ludibriando, fazendo-se passar por verdadeiro? Nes-

se contexto, cabe a um e a outro contendor apontar falhas, denunciar fraudes e incompetências. É o discurso da desqualificação, cujo objetivo é destituir o adversário de qualquer poder argumentativo. Mas vamos voltar à questão da imigração, que é onde a discussão atinge a polarização máxima: *nação x antinação*.

Os paulistas se apresentam, então, como defensores do progresso. Argumentam que este se deve aos imigrantes: invejável exército de trabalhadores, totalmente devotado à causa nacional. São Paulo é apontado como o modelo exemplar da democracia, quando dá a todos igual oportunidade de trabalho. Entretanto, a história registra uma realidade bem diversa... O grande contingente de imigrantes tornaria a situação do negro no mercado de trabalho paulista praticamente insustentável. No início do século, estes migram em massa para o Rio de Janeiro, onde as oportunidades de trabalho eram sensivelmente melhores. Entretanto, a maioria fica à margem da estrutura social: prostitutas, cafetões, malandros, artistas de cabaré, de teatros de revista e circos. E nesse meio, que oscila entre o subemprego urbano e o lumpem carioca, vai-se formar o núcleo de resistência cultural das classes populares (Moura, 1983). Capaz de absorver elementos de diversos códigos culturais, este núcleo vai ser de fundamental importância na história social do Rio de Janeiro.

Na década de 20, São Paulo vivia um momento de plena euforia econômica. A urbanização da cidade é descrita com orgulho, sen-



do comparada às grandes capitais européias. Este não é o clima vivido pelo carioca que, encerrada a *Belle Époque*, enfrentava sérios problemas financeiros e um certo vazio cultural. É nesse espaço deixado pelas elites intelectuais que vai começar a tomar corpo a cultura negra. Passando por um processo de sincretização que garantiria a sua aceitação no mundo branco, despontam com sucesso o lundu, a polca e o maxixe. É sintomático o debate que se trava sobre as origens do maxixe, denotando o quanto foi conflituosa a sua aceitação entre as nossas elites⁹. Ocorre que estas danças marcam uma verdadeira revolução de costumes, inaugurando uma forma de divertimento urbano moderno, que transcorria fora do âmbito familiar. Apesar dos estigmas e interdições da moral pública, esse espaço cultural vai ganhando a cidade. No final dos anos de 1910, a nova burguesia já frequenta as revistas da Praça Tiradentes, os cabarés da Lapa e da Cinelândia (Moura, 1983). Em 1914, num sarau no Palácio do Catete, Nair de Tefé, esposa do Presidente Hermes da Fonseca, causaria escândalo entre as nossas elites ao interpretar ao violão o *Corta Jaca* de Chiquinha Gonzaga (Wisnik, 1982).

Este processo de aculturação no Rio de Janeiro é complexo: Wisnick sugere a metáfora de um jogo de espelhos confrontados, em que a cultura negra e a branca se mimetizam e se distorcem mutuamente. Se o negro consegue conquistar o espaço público, reinterpretando formas de cultura européia,

os brancos entram para o candomblé e apadrinham o samba. É nessa trama de influências que a cultura carioca urbana começa a se impor e também a se chocar contra os padrões culturais vigentes.

O reino de Dionysius

As tradições corporais do negro, marcadas pela sensualidade e liberdade de movimentos, iriam se chocar de imediato com os hábitos culturais da nossa elite europeizada. E é entre os paulistas que a reação se manifesta mais forte. Tendo a sobriedade como um dos seus valores mais caros, a burguesia paulista não cessa de condenar a licenciosidade e permissividade dos costumes cariocas. Na doutrina dos "verde-amarelos", este aspecto vai assumir importância inusitada. A explicação para as diferenças culturais entre cariocas e paulistas, mais uma vez, vai ser fundamentada na geografia. Assim, o clima de São Paulo gera elegância, conforto e intimidade. O paulista já nasceria "aristocraticamente nórdico"... Já o verão do Rio de Janeiro causaria a promiscuidade das praças e ruas, o bocejo e a displicência (Del Picchia, 1926b). Temos, então, dois perfis completamente antagônicos: um marcado pela sobriedade aristocrática (paulista); o outro pela vagabundagem promíscua das ruas (carioca).

É interessante observar que é com a idéia de clima que se constroem dois universos polarizados, para os quais a categoria frio sig-



nifica contenção, recolhimento, trabalho e equilíbrio de formas; e calor exprime excesso, vertigem, alegria, embriaguez e tragédia. Como não lembrar das duas pulsões extremas representadas pelas imagens de Apolo e Dionísio?

Nas análises dos paulistas sobre o carnaval carioca, essas idéias aparecem de forma clara¹⁰. Carnaval e verão passam a ser uma coisa só: “ao ruído dos tambores, ao esguicho do éter, ao tilintar das campainhas, esquentase a visão das criaturas”. Irmanadas pelo suor, embriagadas pela orgia, as pessoas se transformam em verdadeiros selvagens. São capazes, portanto, de cometer violências e atos brutais que nada têm a ver com o seu comportamento cotidiano. A alegria carnavalesca é vista como algo “macabro e sinistro”, verdadeira febre e paroxismo furioso. Carnaval – violência – verão aparecem como diferentes expressões de um mesmo personagem: Dionísio.

Aos olhos do paulista, o carioca se transforma em um “devoto de Baco”, que constantemente se deixa embriagar pela “festa vermelha” (carnaval). No carnaval paulista, nada disso ocorre. Ao contrário do carioca, para quem o carnaval é “desabafo de emoções represadas”, para o paulista a emoção é mais profunda. O povo assiste ao desfile “pálido, mudo e extasiado”. Só os desajustados fazem badernas... (Hélio, 1920). Será preciso um exemplo mais significativo para comprovar a sobriedade do paulista? Se nem no próprio

carnaval Dionísio se manifesta, é porque lá ele não existe! Esta parece ser a intenção dos paulistas: provar por a + b que São Paulo nada tem a ver com Dionísio, quer dizer, com o culto do prazer, mas sim com o seu inverso: o culto do trabalho.

O outro exemplo do “excesso” carioca seria a praia. Além da “mistura paradisíaca dos sexos”, ocorreria também a mistura de classes sociais: damas e cozinheiras, filhas de *nouveaux-riches* e filhas de *chauffeurs*... Ao invés de cuidar do corpo através de um “atletismo moralizador”, o carioca prefere exibi-lo no “namoro semidespido” das praias. A praia é vista como verdadeiro cenário de orgias degradantes. Vale a descrição: “galopadas de faunos, gritos simiescos, encontros e choques torpíssimos, quadros vivos de plástica nauseante” (Miranda, 1920).

O banho de mar também é visto como verdadeira exibição de modas, sendo comparado com o *footing*. Aqui aparece outro alvo da crítica paulista aos cariocas: a sua personalidade mundana e frívola. No artigo Basta de Anjos¹¹, chega-se a atribuir o alto índice da mortalidade infantil carioca ao descuido das mães, que prefeririam os compromissos mundanos aos da maternidade. Reforçando esse traço de “excesso” incutido no perfil do carioca, temos ainda um outro aspecto: a sua incapacidade para gerir as finanças domésticas. O carioca é visto como um grande esbanjador que, incapaz de controlar seu orçamento, viveria de empréstimos. Tudo isso porque teria



atração pelo supérfluo, gastando em pândegas, festas, compras de jóias, vestidos e chapéus (Prazeres, 1920).

São Paulo como o modelo da nação

Toda essa crítica ao *way of life* carioca tem um objetivo: desqualificar o Rio de Janeiro como a capital da República. Não é à toa que o *Correio Paulistano*, um dos principais órgãos defensores da hegemonia paulista, abre espaço para a veiculação dessa ideologia. E é quase sempre na primeira folha - espaço nobre do jornal - que são publicados esses artigos. Na mesma proporção que saem artigos de crítica e charges aos costumes cariocas, publicam-se artigos sobre a genealogia e a história paulistas, sempre aureoladas pela herança bandeirante.

A ideologia que opõe Rio de Janeiro e São Paulo, conforme procuramos mostrar, não foi apenas fruto de algumas "cabeças pensantes", mas já se achava razoavelmente difundida pelos diferentes setores da sociedade. Dentro do movimento modernista, o grupo dos "verde-amarelos" sistematizou, sofisticou e reforçou uma visão de Brasil já tradicional, que iria privilegiar o regionalismo.

Se compararmos Martim Cererê, de Cassiano Ricardo, com Macunaíma, de Mário de Andrade, fica flagrante o contraste entre estes dois autores. No itinerário percorrido pelos personagens, está implícita uma determinada concepção de Brasil. Enquanto

Martim Cererê realiza um percurso circular - São Paulo-Brasil-São Paulo -, Macunaíma sobrevoa o país no "tuiuú-aeroplano" (espécie de ave-avião). Para não perder de vista a visão do conjunto, é necessário abandonar a perspectiva geográfica, sobrevoar acima dos limites. O anti-herói, criado por Mário, é o próprio Brasil em busca de si mesmo, de sua identidade problemática. Vestir a "roupa arlequina" significa, então, assumir o desenraizamento e a descontinuidade de nossa cultura. Essa perspectiva inquietante de Mário contrasta vivamente com a dos "verde-amarelos", que apresentam um retrato já feito do Brasil, localizando a fundação do Estado Nacional em terras paulistas. Quando tudo já está dado, não há sobrevôos, nem buscas conflituosas. Só a repetição pode garantir a consagração do modelo...

O Brasil transforma-se, então, num "Brasil de meninos, poetas e heróis". E são esses "heróis geográficos" que devem realizar a *paulistanização* do Brasil...

Referências Bibliográficas

- DEL PICCHIA, Menotti. A Bandeira Futurista, *Correio Paulistano*, 22/12/22.
- _____. Estranho fenômeno mental. *Correio Paulistano*, 10/10/1924.
- _____. A morte de um calunga. *Correio Paulistano*, 30/08/1926.
- _____. Regionalismo. *Correio Paulistano*, 3/10/1926a.

- _____. Calor. *Correio Paulistano*, 28/11/1926b.
- _____. Psicologia dos estilos. São Paulo... Cidade mágica. *Correio Paulistano*, 02/12/1928.
- FILHO, José do Patrocínio. Na estrada de Damasco; epístola aos cariocas. *Correio Paulistano*, 18/12/1922.
- HÉLIOS. O carnaval paulista. *Correio Paulistano*, 14/02/1920.
- _____. Um reparo. *Correio Paulistano*, 26/03/1927.
- _____. São Paulo, ação e pensamento. *Correio Paulistano*, 02/04/1927a.
- JARDIM, Eduardo. *A constituição da idéia de modernidade no modernismo brasileiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.
- LAGO, Mário. Mário Lago sem nenhuma vaidade. *O Pasquim*, nº 330. Rio de Janeiro, 8 a 14/10/76.
- LIMA, A. A. *Introdução à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Agir, 1968.
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, v.4, p.1368.
- LOVE, Joseph. *A locomotiva - São Paulo na Federação Brasileira - 1889 a 1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- MIRANDA, Veiga. Os palhaços do Flamengo. *Correio Paulistano*, 15/10/1920.
- MORAES, Vinícius de. Cinema. *A Manhã*, 27/08/1942. p.5. *Apud* VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1983.
- MOURA, Roberto. Vida de sambista e trabalhador. *Tia Ciata e a pequena África*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.
- _____. Geografia musical da cidade. Op. cit., p.51-56.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Ilha de Vera-Cruz, Terra de Santa Cruz, Brasil. Um estudo sobre o nacionalismo brasileiro*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1986.
- PRAZERES, Otto. Como se vive no Rio de Janeiro. *Correio Paulistano*, 21/12/1920.
- RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RICARDO, Cassiano. Mentalidades opostas. *Correio Paulistano*, 21/04/1927.
- _____. Meus heróis! *Correio Paulistano*, 29/12/1927a.
- _____. *Martim Cererê: o Brasil dos meninos, poetas e heróis*. São Paulo: Saraiva, 1962.
- SALGADO, Plínio. Aspectos brasileiros. *Correio Paulistano*, 30/07/1927.
- _____. Geografia Sentimental. *Correio Paulistano*, 10/11/1927a.
- _____. Diretrizes da Nova Geração. In: *Literatura e Política*. São Paulo: Ed. das Américas, 1956. v. XIX das *Obras Completas* [1927].
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.



VELLOSO, Mônica. O mito da originalidade brasileira; a trajetória de Cassiano Ricardo do Modernismo ao Estado Novo. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1983.

VILALVA, Mário. Como se faz uma instituição; notícia histórica sobre o Centro Paulista

(1907-37). Rio de Janeiro, *Revista dos Tribunais*, 1937.

WISNIK, José Miguel. Getúlio da Paixão Cearense (Villa-Lobos e o Estado novo). In: *Música*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Abstract - *The hegemonic dispute between Rio de Janeiro and São Paulo gains new configuration throughout intellectual debate along the 20's, when São Paulo managed to impose its economical superiority to the rest of the country. This work intends to show how the “green and yellow” group – sprung from the modernist movement – constructs an ideology destined to elect São Paulo as a mold to Brazilian nationality. Doing so, it tries to disqualify and illegitimate Rio de Janeiro as the nation's political center. The debate is settled inside the modernist movement, the “verde-amarelos” movement's view being contrasted with the one of Mario de Andrade, concerning regionalism.*

Keywords: *Rio de Janeiro; São Paulo; modernism; nationality.*

Resumen - *La disputa entre las provincias de Río de Janeiro y de São Paulo por la hegemonía nacional tomó nuevos ámbitos en el debate intelectual al largo de la década del 1920, cuando São Paulo logra imponer su primacía económica sobre la totalidad del país. Este ensayo muestra como el grupo llamado “verde-amarillo” – surgido de la vanguardia artística brasileña – construye una ideología destinada a elegir la provincia de São Paulo como la matriz de la nacionalidad brasileña. Haciéndolo, busca descalificar y deslegitimar a Río de Janeiro como centro político de la nación. El debate se sitúa en el interior del movimiento vanguardista, oponiéndose la concepción de los “verde-amarelos” a la de Mario de Andrade respecto al regionalismo.*

Palabras-clave: *Rio de Janeiro; São Paulo; vanguardia artística; nacionalidad.*

Notas

¹ Ver: *Terra Roxa*, nº 1.

² Idem.

³ Esta tipologia é desenvolvida por Lima, 1968.

⁴ É através do “mito da bandeira” que Cassiano Ricardo vai explicar as origens paulistas do Estado Nacional, durante o regime de Vargas. Sobre o assunto, consultar: Velloso, 1983.

⁵ Estas idéias são expostas por Del Picchia, 1924 e 1922.

⁶ Consultar: *Klaxon*, nº 1, 15/05/1922. *Apud* MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1970.

- ⁷ Esta crítica à mentalidade romântica está nas seguintes crônicas publicadas pelo *Correio Paulistano*: Pelo Brasil!, de 19/09/1922; Patriotismo prático, de 4/10/1923; e O último romântico, de 27 /08/1921.
- ⁸ Estas idéias são expostas por Hélios (pseud. de Menotti Del Picchia) nos seguintes artigos no *Correio Paulistano*: Os dandys, 19/02/1920; e São Paulo em 1920, 10/03/1920.
- ⁹ A propósito do assunto, consultar os seguintes artigos publicados no *Correio Paulistano*: RIBEIRO, Flexa. Considerações em torno do carnaval; os motivos estéticos do maxixe, 28/02/1921; e SÁ, Augusto. Cantos, danças e música; a propósito do maxixe, 05/03/1920.
- ¹⁰ Consultar, a propósito, no *Correio Paulistano*: Chrysanthême. O estado de espírito carnavalesco, 22/02/1920; Carnaval e sangue, 07/02/1922; Chrysanthême. Verão e carnaval, 26/01/928.
- ¹¹ Chrysanthême. Basta de anjos! *Correio Paulistano*, 13/03/1921.